

CARTAS DE APRESENTAÇÃO E O GÊNERO PERFIL: PONTOS DE CONTATO*

DORIS DE ALMEIDA SOARES (Escola Naval)

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa em andamento sobre o *perfil* como gênero emergente. Seu objetivo é mapear o uso de marcas típicas do gênero *carta pessoal de apresentação* (cabeçalho, saudação, fecho, despedida, assinatura) no perfil e o seu efeito para o propósito comunicativo do gênero – fornecer um mecanismo para que os participantes possam se "conhecer a distância" com o objetivo de se engajarem em ações de comprometimento entre o grupo. Para tanto, foram analisados 18 perfis escritos por professores participantes em um curso online de extensão à distância. Para a análise, adotamos como arcabouço teórico os conceitos de gênero apresentados em Swales (1990; 2004) e a concepção de Marcuschi (2005, p.13) de que os gêneros textuais no contexto digital, em sua maioria, têm similares em outros ambientes. Os dados sugerem que não há um consenso sobre os movimentos retóricos realizados no gênero perfil.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais digitais, Perfil online, Movimentos retóricos

INTRODUÇÃO

Nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), é comum a existência de mecanismos para que os participantes possam se conhecer a distância, visando a ações de comprometimento entre o grupo. No ambiente *Teleduc*, por exemplo, essa ferramenta é chamada de *perfil* e permite que cada participante escreva um texto sobre si mesmo, acompanhado de uma foto digital, modelo 3x4. Este texto fica disponível para todos os membros daquele curso, bastando clicar no nome do participante escolhido, em qualquer área do ambiente, para acessá-lo.

Como se apresentar por escrito de maneira informal em um AVA é uma prática social recente, nossa proposta é investigar esse tipo de produção discursiva como um gênero emergente.

Há três aspectos, segundo Marcuschi (2005, p.14), que tornam um estudo dessa natureza relevante. Primeiro, os gêneros digitais estão em franco desenvolvimento e seu uso é cada vez mais generalizado. Segundo, eles possuem peculiaridades formais,

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivres.org>

embora possam ter contraparte em gêneros já estabelecidos. Por último, eles oferecem a possibilidades de se rever e repensar a nossa relação com a oralidade e a escrita.

Como instrumento de investigação, seguiremos a proposta de Swales (1990; 2004) de que a análise deve definir movimentos retóricos que reflitam os propósitos comunicativos do texto. Assim, realizamos uma análise macro textual buscando definir parâmetros para a caracterização do *perfil* como um gênero discursivo emergente em 18 *perfis* produzidos em um curso de extensão oferecido totalmente *on-line* e de modo assíncrono.

A noção de gênero com a qual trabalhamos e os resultados preliminares de nossa pesquisa são o foco deste artigo.

2. DEFININDO GÊNERO

Os gêneros são fundamentais para a comunicação humana, pois nos ajudam a realizar o que queremos em dada situação. Swales (1990, p.58) os define como

classe de eventos comunicativos cujos exemplares partilham os mesmos propósitos comunicativos. Estes propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade e são a razão do *gênero*. Esta razão modela as estruturas esquemáticas do discurso e influencia e restringe as escolhas com relação ao estilo e conteúdo (...). Além disso, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se as expectativas probabilísticas se realizam em uma alta proporção, o exemplar será visto como prototípico do gênero pela comunidade discursiva.

Por serem “atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem” (Motta Roth, 2006, p.181), os gêneros estão sujeitos a *transmutação*, pois, na medida em que novas práticas sociais surgem, alguns *gêneros primários* saem de sua esfera de origem para outras, materializando-se na escrita (Bakhtin, 1979/2003).

De fato, antes da invenção da escrita, as pessoas já falavam sobre si. Portanto, as apresentações por escrito seriam gêneros *secundários*, saídos da esfera oral para a escrita e, mais recentemente, para o meio digital. Assim, os perfis teriam similares em outros ambientes, mas se apresentariam com características específicas, uma vez que a tecnologia cria um novo meio e não somente reorganiza a oralidade e o letramento (Murray, 2000, p.398; Herring, 2003, p.2)

Este trabalho, portanto, procura um paralelo entre a *carta*, um gênero bem estabelecido, e o *perfil* como gênero emergente.

3. OS GÊNEROS *PERFIL* E *CARTA*

O gênero *carta*, uma unidade funcional para contextos em que não há contato imediato entre emissor e destinatário, está em circulação desde os primórdios das civilizações. Este apresenta marcas como *cabeçalho/data*, *assinatura*, *saudação*, *fechamento* e *despedida*. Porém, o seu corpo permite uma diversidade de *tipos textuais*, conteúdos e propósitos comunicativos (Paredes Silva, 1997, p. 121).

No caso do *perfil*, constatamos que há dois tipos de carta que apresentam propósitos comunicativos semelhantes a este: a *carta de apresentação* que acompanha o currículo de uma pessoa e a *carta de apresentação* entre estudantes em programas do tipo *penpal*, ou *penfriend*.

As *cartas de apresentação formal* pertencem à esfera do discurso promocional e são persuasivas por natureza, pois “almejam obter uma dada resposta, neste caso uma convite para uma entrevista de emprego” (Bhatia, 1993, p.145). Por conseguinte, o propósito comunicativo, as escolhas léxico-gramaticais e os movimentos tem por objetivo descrever e avaliar positivamente o autor.

De modo similar, o propósito do *perfil* é fornecer uma descrição de modo a persuadir os membros do grupo a interagirem com o autor e aceitarem suas contribuições no curso, negociando o seu acesso à comunidade discursiva. Porém, a informalidade e a não-competitividade do contexto de produção do *perfil* fazem com que o discurso não precise ser necessariamente pontuado por um alto grau de adjetivação positiva para que os sujeitos sejam apreciados.

Neste aspecto, o caráter informativo do *perfil* se aproxima do das *cartas de apresentação informal* entre *penfriends*.

Os sites que oferecem esse serviço recomendam que o escritor seja amistoso e educado, que diga quem é e o que faz, incluindo informações sobre idade, educação, carreira, hobbies, animais de estimação, ou qualquer coisa que evoque um interesse partilhado com seu novo amigo, que evite tópicos controversos, que não sobrecarregue o leitor com muita informação, revelando-se aos poucos, que faça perguntas que os outros possam responder, e que revele sua personalidade pela escolha das palavras e descrições que usar.

Essas recomendações deixam claro o tom do texto e o que é, ou não, apropriado realizar neste contexto de situação para alcançar o seu propósito comunicativo, ou seja, estabelecer amizade com o destinatário e persuadi-lo a dar continuação à interação.

Em termos de tópicos, há certa semelhança com aqueles nos *perfis*. Não obstante, assim como na *carta de apresentação*, o contexto de produção da *carta ao penfriend* não é exatamente o mesmo do *perfil* em nosso *corpus*, pois o primeiro envolve membros de culturas diferentes que desejam uma prática linguística no idioma estrangeiro; no segundo, os sujeitos pertencem ao mesmo contexto cultural e desejam construir conhecimentos novos a partir das interações no AVA.

Essa distinção é importante, pois os *gêneros* devem ser estudados nos seus contextos sociais de uso, cabendo ao analista prestar atenção às formas pelas quais os usuários os manipulam para propósitos retóricos particulares (Berkenkotter e Huckin, 1995, p.2).

Portanto, para investigar em que medida o gênero *perfil* se aproxima do gênero *carta*, iniciamos definindo os *movimentos*, ou seja, as unidades semântico-funcionais que podem ser identificáveis a partir de seus propósitos comunicativos e de suas fronteiras linguísticas (Upton e Connor, 2001, p. 317; Swales, 1990) em nosso *corpus*.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos a seguir um breve estudo dos elementos típicos do gênero *carta pessoal* (*cabeçalho/data, saudação, fecho, despedida, assinatura*) e como estes são usados na construção de 18 perfis (14 por mulheres e quatro por homens) escritos por alunos em um curso de extensão online para professores de idiomas.

Nas cartas, o *cabeçalho* indica a data e o local onde o autor se encontra no momento da escrita. No caso do *perfil*, a data aparece assim que ele é escrito; o local fica a critério do autor, pois, apesar de solicitado nas instruções do curso, ele nem sempre é revelado.

A *saudação*, obrigatória nas cartas, além de definir o destinatário, serve de cumprimento àquele que lê, iniciando um turno que se encerra ao fim da carta. No *corpus*, 61% dos *perfis*, todos femininos, começam com uma saudação. Já os homens iniciam seu texto pelo nome (três *perfis*) ou data de nascimento (um *perfil*).

As saudações usadas são aquelas mais comuns no contexto oral, oscilando entre um maior distanciamento entre interlocutores, como em “*olá, colegas!*”[†] e maior proximidade como em “*Olá meninos e meninas*”; “*Olá pessoal,*”; “*Oi, pessoal!*”; “*Oi Gente!*”; “*Oi!, todas em uma amostra cada,* e “*Olá! (em três perfis)*; “*Olá,*” (*em dois perfis*). Como nenhuma escolha linguística é gratuita, percebe-se “*olá*” como menos intimista do que “*oi*”. Contudo, esta se torna mais enfática e alegre pelo uso da exclamação, refletindo uma interação oral. Estas formas contribuem para o tom informal do texto.

Em outros três perfis, a *saudação* não segue as convenções do gênero *carta*, pois aparece junto ao corpo do texto. Além disso, em um deles (“*Olá Pessoal,*”), há o uso de inadequado de letra maiúscula. Isso será discutido mais adiante.

Nas cartas, o *fecho* sinaliza que o enunciado está chegando ao fim, podendo expressar o desejo de se ter uma resposta em breve. Já a *despedida* sinaliza a partida do enunciatador em expressões como *um abraço*, que coloca o leitor mais distante, ou *beijos*, que o aproxima.

Nos *perfis*, o *fecho* aparece em apenas 33% das amostras, sendo ele mais usado por homens (75%) do que por mulheres (14%), e ocorrendo de formas diversas. No *perfil 18* (“*Acho que é só...*”), por exemplo, as reticências sinalizam hesitação; no *perfil 16* (“*E acho que é isso!*”) a exclamação sinaliza que o enunciatador é enfático quanto a sua colocação.

Em geral, as escolhas lexicais nos fechados revelam que os autores têm leitores múltiplos em mente e que se veem como parte do grupo, como no trecho a seguir:

“*Acredito que é isso pessoal, espero que **juntos possamos** trocar e receber informações que servirão de alicerce para a construção e ampliação de **nossos** conhecimentos” (*perfil 1*).*

Com relação à *despedida*, três aparecem em perfis por mulheres e duas por homens, sendo que a escolha léxico-gramatical de todos foi muito similar: enviar abraços e votos de bom curso. Isto, aliada a uma observação cronológica das postagens, talvez sinalize que os participantes tenham lido os *perfis* dos colegas antes de

[†] Nas transcrições apresentadas, mantivemos o uso de maiúsculas e pontuação conforme aparecem nos exemplares em análise.

escreverem seus próprios, buscando descobrir como os outros membros da comunidade estavam realizando essa tarefa comunicativa.

A *assinatura* na carta formal ratifica a autoria do texto. Nos *perfis*, esta aparece apenas em quatro amostras, todas por mulheres, nas seguintes combinações:

Perfil 1: saudação/ fecho/ despedida/assinatura

Perfil 6: saudação/despedita/ assinatura

Perfil 10: saudação/assinatura

Perfil14: saudação/ despedida/assinatura

Apesar de aparecer em poucas amostras, há um padrão: quem assinou fez uso de *saudação*. Porém, há amostras em que há *saudação*, mas não *assinatura*.

4.1 Considerações gerais sobre a análise

O *corpus* sugere uma falta de um consenso sobre como estruturar o perfil, daí as diferentes combinações dos movimentos obrigatórios no *gênero carta*, parâmetro para esta análise. Isso talvez ocorra por que o *perfil*, como prática social, é uma forma discursiva recente. Assim, ainda buscamos nos *gêneros* bem estabelecidos, como a *carta*, formas de realizar nossos propósitos comunicativos.

Também há grande flexibilidade quanto às regras de pontuação e paragrafação, observadas na falta de ponto final (três *perfis*), no uso incomum de maiúscula (um *perfil*) e na *saudação* junto ao corpo do texto (três *perfis*). Isso sugere que no *gênero* não há uma preocupação em demonstrar um domínio formal da língua escrita para que o sujeito seja apreciado pela comunidade a qual deseja pertencer.

Por fim, destaco que todas as *saudações* foram escritas por mulheres, o que talvez se relacione com a sua natureza mais emocional. Também aponto que, apesar de os homens não usarem saudações, a maioria usa um *fecho*, enquanto as mulheres não. Essas evidências poderiam ser exploradas nos estudos do discurso ligados à questão da representação da voz masculina / feminina e do *self*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS FUTUROS

O presente estudo representa a fase inicial da tentativa de caracterizar o *perfil* como gênero. Apesar de suas limitações, este sugere que, a despeito de haver movimentos retóricos em comum entre ambos, a flexibilidade na presença de movimentos de abertura e fechamento no *perfil* seria uma evidência de que este não é uma simples transposição do gênero *carta de apresentação* para o meio digital.

Não obstante, estamos cientes de que, segundo o modelo de Swales (1990), identificar os propósitos comunicativos e os movimentos retóricos realizados não é o suficiente para a determinação de um gênero. Há também de se cuidar das realizações léxico-gramaticais típicas desses movimentos, pois, dentro da visão de gênero aqui apresentada, essas escolhas determinam o sucesso ou fracasso do exemplar em atender as expectativas da comunidade discursiva, do contexto de produção e dos seus propósitos comunicativos.

Assim, maiores considerações acerca de esses aspectos serão apresentadas em estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (1979). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERKENKOTTER, C; HUCKIN, T. Suffer the little children: learning the curriculum genres of school and university. In: Berkenkotter, C; Huckin, T.: *Genre knowledge in disciplinary communication: cognition/culture/power*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1995. p.151-163.

BHATIA, V.K. Description to explanation in English for professional communication-application of genre analysis. In: Boswood, T., Hoffman, R. and Tung, P., (eds.) *Perspectives on English for professional communication*, City Polytechnic of Hong Kong: Hong Kong, 1993. p.133-157.

HERRING, S. Computer mediated communication. In: Schiffrin, D.; Tannen, D.; Hamilton, H. E. (eds) *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 612-634.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L A.; XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOTTA-ROTH, D. Questões metodológicas em análise de gêneros. In: Karwoski, A.M; Gaydeczka, B; Britto, K.S (orgs) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.179-202.

MURRAY, D. Protean Communication: The Language of Computer-Mediated Communication. *TESOL Quarterly*, 34, 3, p.329-348, 2000.

PAREDES SILVA, V. L. P. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. V.; BARROS, K. S. M. de (orgs.) *Tópicos em linguística de texto e análise de conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p.118-124.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 1990.

SWALES, J. M. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: CUP, 2004.

UPTON, T. A.; CONNOR, U. Using computerized corpus analysis to investigate the linguistic discourse moves of a genre. *English for Specific Purposes*. 20:4, p. 313-329, 2001.